

**BIBLIOTERAPIA E LITERATURA ORAL: LEITURAS TERAPÊUTICAS EM ESPAÇOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA**

***BIBLIOTHERAPY AND ORAL LITERATURE: THERAPEUTIC READINGS IN INFORMATION, EDUCATION AND CULTURE SPACES***

***Meri Nadia Marques Gerlin***

*Doutora em Ciência da Informação*

*Professora do PPGraduação em Ciência da Informação - UFES*

*merinadia@hotmail.com*

**Recebido em: 21/05/2019**

**Aceito em: 1/08/2019**

**Resumo**

O sujeito leitor estabelece uma relação terapêutica com a informação contida em livros e outros suportes textuais, sonoros e imagéticos, dialogando com personagens por meio das estruturas narrativas dos contos, das crônicas e de outros gêneros que constituem a literatura oral. Nesse sentido, torna-se possível colocar em análise a contribuição da literatura oral para o desenvolvimento da biblioterapia, ao considerar a importância do uso dos gêneros narrativos em momentos de leituras terapêuticas individuais e/ou coletivas. Por meio de uma pesquisa exploratória caracterizada como bibliográfica, apresenta-se um levantamento de publicações científicas produzidas no campo da Ciência da Informação e áreas afins, refletindo sobre temas que dialogam com a narrativa oral e com uma terapia desenvolvida não apenas em hospitais e clínicas, mas também em bibliotecas, comunidades, escolas, dentre outros espaços de informação, educação e cultura. Apesar da importância que é dada ao uso do gênero literário oral em processos terapêuticos, a limitação do aprofundamento de publicações sobre esse assunto é identificada.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Leitura terapêutica. Literatura oral. Narrativa oral. Informação narrativa.

***Abstract***

*The reader establishes a therapeutic relationship with the information contained in books and other textual, sonorous and imaginary supports, dialoguing with characters through the narrative structures of stories, chronicles and other genres that constitute oral literature. In this sense, it is possible to analyze the contribution of oral literature to the development of bibliotherapy, considering the importance of the use of narrative genres at times of individual and / or collective therapeutic readings. Through an exploratory research characterized as bibliographical, it presents a survey of scientific publications produced in the field of Information Science and related areas, reflecting on themes that dialogue with the oral narrative and a therapy developed not only in hospitals and clinics, but also in libraries, communities, schools, among other places of information, education and culture. Despite the importance given to the use of the oral literary genre in therapeutic processes, the limitation of the deepening of publications on this subject is identified.*

**Keywords:** *Bibliotherapy. Therapeutic reading. Oral Literature. Oral narrative. Narrative information.*

**1 INTRODUÇÃO**

Narrar consiste na exposição de acontecimentos ou notícias, constituindo-se como uma importante estratégia de transmissão de informações. A narrativa alimenta-se de fatos fictícios e/ou reais fortalecendo a criação de materiais e suportes informacionais como livros, periódicos, vídeos e outros que se apropriam da linguagem textual, sonora e imagética. A informação contida em uma narrativa auxilia no processo de produção das novelas produzidas pelas emissoras de televisão, da fabricação dos filmes exibidos pela indústria cinematográfica, das obras literárias que movimentam o mercado editorial e dos jornais impressos, eletrônicos e digitais.

A informação narrativa alimenta produções literárias e artísticas imortalizadas pelas tramas narrativas resguardadas por histórias tradicionais e populares originárias de fontes orais. O repertório da literatura oral é constituído pela narrativa de romances, novelas, crônicas, orações, contos e cantos populares, danças cantadas, poesias recitadas, provérbios, adivinhações, frases-feitas, orações e outras manifestações, tornando-se conhecida como um conjunto de narrativas comunicadas por meio da oralidade, em prosa ou em verso, registrada para posterior recuperação e disseminação literária (CASCUDO, 2006).

O texto escrito e oralizado funciona como o uso de um instrumento de memorização da tradição popular, podendo cada vez mais ser compartilhado em redes de colaboração em uma sociedade em que as tecnologias contribuem para o registro e a disseminação da informação narrativa (GERLIN, 2018, p. 171).

O registro do material literário e artístico por meio da literatura oral viabiliza a busca da informação narrativa em acervos pessoais, bibliotecas híbridas, banco de dados virtuais, dentre outros ambientes de recuperação e disseminação. As narrativas comunicadas oralmente através dos séculos, na atualidade são registradas em textos impressos, eletrônicos e/ou digitais contendo informação multimodal (textual, auditiva e imagética) graças ao uso das tecnologias de escrita, informação e comunicação.

Um texto narrativo pode ser consumido tendo em vista diferentes necessidades e funções creditadas ao processo de uso dos recursos literários: o estudo requerido no campo da narrativa oral; o refinamento cultural necessário ao narrador contemporâneo; o prazer demonstrado pelo sujeito ao entrar em contato com um conto e outros gêneros; a utilização dos gêneros literários para fins terapêuticos; dentre outras não citadas.

A terapia ocasionada por meio de um diálogo estabelecido entre um texto literário e um leitor interativo é denominada como biblioterapia, permitindo a fruição de diálogos por meio das palavras lidas, ouvidas e/ou visualizadas, de forma a envolver no processo um indivíduo ou uma equipe composta por sujeitos que habitam em espaços de atuação diferenciados: profissionais e usuários da informação que frequentam bibliotecas e outras unidades de informação; trabalhadores e usuários dos serviços da área da saúde que atuam em clínicas e hospitais como os psicólogos e seus pacientes; membros de uma associação de moradores como crianças, jovens, adultos e idosos; sujeitos da educação como alunos e professores que habitam escolas, centros de educação infantil e outras instituições.

Os diálogos estabelecidos entre profissionais e usuários de informação podem ser destacados como um exemplo da interação biblioterapêutica, na medida em que se reflete que devem ser visualizados como leitores que não procuram ocupar posições hierárquicas e com isso fortalecer estruturas de poder, mas sim possibilidades de leituras terapêuticas que aspiram ser compartilhadas.

Essa prática promove encontros subjetivos em uma diversidade de territórios que compreendem um novo olhar sobre as histórias narradas/ouvidas, tornando possível a utilização de leituras que permitam “[...] ao homem ir mais fundo de si mesmo e se inventar” (OUAKNIN, 1996, p. 197). Desse modo, percebe-se, com isso, que a biblioterapia é apresentada como uma ferramenta democrática de promoção de diálogos entre sujeitos leitores que ocupam espaços não apenas em instituições de promoção da saúde como as clínicas e os hospitais, mas também naquelas em que se trabalha com informação, educação e cultura como as bibliotecas, as escolas e os espaços comunitários.

Colocar em análise a contribuição da literatura oral para o desenvolvimento da biblioterapia, permite considerar a importância do uso dos gêneros narrativos durante os momentos de leituras terapêuticas individuais e/ou coletivas. Nessa direção, um levantamento de publicações científicas produzidas no campo da Ciência da Informação e áreas afins, acaba permitindo o início de uma reflexão sobre temas trabalhados no âmbito da narrativa oral que dialogam com uma terapia desenvolvida em espaços de informação, educação e cultura<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Pesquisa exploratória caracterizada como bibliográfica realizada na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), contemplando artigos publicados entre os anos de 2001 a 2019.

## 2 UMA TERAPIA DESENVOLVIDA EM ESPAÇOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA APOIADA PELA ORALIDADE

A palavra de origem grega “biblioterapia”, composta pelos termos *biblion* (livro) e *therafia* (terapia), conduz à definição de uma prática realizada por meio dos livros e outros tipos de suportes informacionais, apresentando a leitura terapêutica como uma alternativa para o fortalecimento da dialogicidade que culmina em ações reflexivas (OUAKNIN, 1996). Enquanto que no século XIX fora adotada nos tratamentos da doença mental e outras modalidades da área da saúde, no século XX as suas técnicas foram ampliadas as áreas da educação e da informação.

Atualmente, a biblioterapia é utilizada em vários campos da área de Saúde e também na área de Educação. Na Psiquiatria, é usada desde 1800 e na Psicologia passou a ser um auxiliar importante por volta de 1946; a relação entre psique humana e literatura foi apontada por Vygostky em seus estudos sobre a infância. Em Medicina é largamente utilizada como um fator importante de ajuda, principalmente no tratamento de pessoas submetidas a longos períodos de internação. Na área de Biblioteconomia há indícios de sua aplicação por bibliotecários no início do Século XX, mais precisamente durante a Primeira Guerra Mundial [...] (NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007, p. 81).

No que se refere ao uso da literatura a biblioterapia é apresentada como uma prática que tem como finalidade auxiliar no tratamento dos males físicos e na preservação da saúde mental, sendo inicialmente desenvolvida em hospitais conforme ressaltado por Nascimento e Rosenberg (2007). Uma década depois, Grasselli e Gerlin (2017) aproximam características existentes entre as práticas do teatro Clown e da biblioterapia desenvolvidas no ambiente hospitalar. Ambas publicações relacionam-se com pesquisas realizadas no contexto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), apresentando essa terapia como uma teoria e prática transformadora (práxis) que envolve profissionais de áreas diferenciadas, com a finalidade de humanizar o ambiente hospitalar sem desconsiderar, com isso, outros espaços de atuação.

Torna-se comum a colocação de que as equipes que trabalham com biblioterapia devem ter em sua composição sujeitos das áreas da saúde, informação, educação e cultura, ressaltando a importância da atuação de profissionais como bibliotecários, psicólogos, médicos, atores, professores junto com outros protagonistas como pacientes hospitalizados, usuários de bibliotecas e educandos de diversas instituições de ensino. Essa prática deve ser entendida por meio de uma abordagem inter e transdisciplinar, devido ao fato de transgredir as barreiras das disciplinas e as estruturas de poder das instituições.

Com a adoção de uma abordagem transdisciplinar que considere a literatura e a arte como recursos importantes no processo biblioterapêutico, compreende-se que não existe uma prescrição inflexível acerca da qual o sujeito leitor deva se apropriar para a obtenção de resultados. Na medida em que a biblioterapia é apoiada por obras literárias e artísticas beneficia o desencadeamento de processos de interação entre a informação da leitura selecionada e um leitor que de forma alguma pode ser considerado como passivo, podendo, então, ser traduzida como uma terapia realizada por meio dos livros, textos, filmes, músicas e outras formas de expressões, viabilizando intervenções efetivas por meio de atividades dirigidas, como a leitura e a narrativa de histórias permeadas pela ludicidade e pela expectativa de cura que podem proporcionar.

A prática caracteriza-se como uma atividade dirigida tendo como meta proporcionar diálogos terapêuticos por meio da utilização de obras literárias e recursos diversos. É considerada lúdica, pois se utiliza de aspectos como a

---

Dentre os 42 artigos recuperados 06 publicações foram relevantes: Castro e Pinheiro (2005); Fonseca (2014); Lucas; Caldin e Silva (2006); Grasselli e Gerlin (2017); Souza e Caldin (2017) e Vicentini et al. (2007). Também foram utilizadas obras clássicas de autores como Ouaknin (1996) e Cascudo (2006), de forma que se pudesse referendar o processo de investigação realizado no contexto do Grupo de Pesquisa Competência em Informação e Processos Inter-relacionados, gerenciado pelo Departamento de Biblioteconomia da UFES e certificado pelo CNPq.

musicalidade, a teatralidade etc. Além de se tratar de uma prática terapêutica proporciona momentos de lazer e higiene mental ao levar os indivíduos a resolverem seus problemas (GRASSELLI; GERLIN, 2017, p. 84).

Ao assistir um filme, uma peça de teatro ou ouvir uma música possíveis conflitos podem ser evocados durante o encontro dialógico entre o leitor e as narrativas contemporâneas. Esse é benéfico devido dele emergir um processo de cura, assim como a leitura de um livro também proporcionaria. Em ambos os casos a informação contida na narrativa permite ao sujeito se colocar no lugar do personagem, muitas vezes não esperando por outro final que não seja feliz. Por outro lado, finais tristes apesar de inesperados podem ser potentes para o desencadeamento de resultados benéficos durante um diálogo biblioterapêutico.

A realização da leitura das obras literárias, sejam individuais e/ou coletivas, torna-se uma estratégia potente e essencial ao favorecimento do processo biblioterapêutico, conduzindo a um processo reflexivo que poderá culminar na resolução de problemas cotidianos dos sujeitos que habitam espaços de informação e educação (FONSECA, 2014).

Sendo a leitura capaz de favorecer reflexão, comunicação, (auto)conhecimento para uma melhor compreensão da vida na solução de problemas, podemos afirmar, então, que a leitura nos proporciona benefícios terapêuticos em busca do equilíbrio mental, além de oferecer fatores determinantes para a boa formação humanista. Neste aspecto, é igualmente importante que cada um de nós constitua ou tenha o interesse em formar uma biblioteca pessoal de nossos clássicos, para leitura e entretenimento do cotidiano. Que neles possam estar presentes Monteiro Lobato, Hans Christian Andersen, Miguel de Cervantes, Shakespeare e tantos outros autores, para futuras leituras (FONSECA, 2014, p. 9).

O leitor envolvido em um processo terapêutico pode utilizar o seu próprio material literário ou recorrer aos acervos públicos disponibilizados presencialmente e/ou virtualmente. Podendo, portanto, por meio do uso da informação narrativa, refletir o fato de que os mitos e os contos de fadas de alguma maneira ainda explicam a realidade disseminada pelos websites e jornais impressos.

O alcance que a narrativa oral possui não se encerra em funções previamente fixadas pelos meios educacionais. Tampouco se consegue medir aquilo que ela pode provocar com as ações comumente desenvolvidas em espaços presenciais. Compreende também o espaço virtual que possui uma proposta diferenciada ao possibilitar novas maneiras de aprender autonomamente (GERLIN, 2018, p. 111).

Em um novo território denominado como espaço virtual, a informação contida no gênero narrativo oral poderá ser recuperada para o uso terapêutico em ambientes de educação, informação e cultura, sendo explorada de forma que se consiga dialogar acerca das experiências recortadas da vida cotidianamente e que reclamam um compartilhamento efetivo. Esse fato apoia-se na colocação de que

Toda vida possui suficiente importância e interesse para se tornar narrativa. Toda vida é uma 'história potencial'. O direito à narrativa é um direito elementar do humano. Não é porque se é um 'grande homem' que a vida se torna narrativa, mas é porque a vida se faz história, narrativa, narração que temos acesso à dimensão do 'grande homem'. Mas não há 'grandes homens' e 'pequenos homens'. Existem somente homens que partilham os mesmos direitos, em primeiro lugar, que partilham a mesma dignidade ao direito de serem contados (OUAKNIN, 1996, p. 237).

O movimento que gira em torno da reflexão da história de vida de cada sujeito que estabelece contato com a biblioterapia, não se mantém pelo relacionamento entre terapeuta e paciente mas sim entre leitor e narrativa. Em meio a esse processo, o sujeito leitor poderá

alcançar uma relação terapêutica com o devido auxílio profissional ou autonomamente. Nessa direção, entende-se essa prática como uma ferramenta com a qual se pode proporcionar leituras terapêuticas por meio dos diálogos que os personagens literários evocam. O uso dos gêneros literários em momentos biblioterapêuticos articula-se com as estratégias de apropriação do texto oral, ao favorecer processos reflexivos trazidos pelos contos, fábulas, romances, filmes, músicas e outros materiais resguardados pela literatura oral.

## 2.1 UMA PRÁTICA TERAPÊUTICA APOIADA PELO USO DOS GÊNEROS NARRATIVOS CONTIDOS NA LITERATURA ORAL

A informação narrativa utilizada em processos biblioterapêuticos geralmente é atravessada por versões dos contos de domínio popular registrados pela literatura, sendo transmitidos oralmente em espaços como “Creches, escolas, orfanatos, centros comunitários, prisões, hospitais, casas de repouso, asilos. Não há restrições de idade. Nem de público-alvo” (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006, p. 402). Os grupos que trabalham com essa terapia recebem a contribuição de sujeitos ligados às áreas da saúde, informação, educação e cultura, possuindo ou não ligação profissional com as instituições em que atuam. Entretanto, “Desde a sua instauração, a biblioterapia possuía relação direta com bibliotecários, pois sua realização era dada em parceria entre os profissionais da informação e as equipes médicas” (GRASSELLI; GERLIN, 2017, p. 81).

Tendo em vista que a biblioterapia consiste no reconhecimento de uma prática realizada por diferentes sujeitos e em uma diversidade de espaços, registram-se trabalhos realizados com idosos por meio da leituras de contos clássicos em associações de acolhimento dos sujeitos da melhor idade (CASTRO; PINHEIRO, 2005), com pacientes em ambientes hospitalares ao recorrer à prática de incentivo à leitura por meio de projetos que partam da biblioteca universitária (VICENTINI et al., 2007) e, por fim, com crianças ao recorrer à utilização de textos da literatura narrados oralmente em centros de educação infantil (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006).

Uma diversidade de atividades realizadas em centros comunitários, escolas e outros territórios poderiam ser apresentadas, porém no momento questiona-se que tipo de obras literárias podem ser utilizadas em espaços de informação, educação e cultura. Destaca-se que a seleção não deve ser pautada em textos e contextos literários moralizantes, muito longos ou fragmentados de forma que torne a atividade didática, cansativa e/ou apenas de cunho informativo (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006). Nada impede, entretanto, que uma obra longa seja adaptada pelo leitor durante uma leitura em um espaço comunitário. Ou que a moral implícita em uma fábula seja refletida de forma apropriada e criativa no contexto de uma biblioteca escolar. O recurso literário a ser utilizado deve ter um conteúdo enriquecedor do ponto de vista cultural e psíquico, divertido e questionador de forma que possa evocar vivências humanas auxiliando na resolução dos problemas evocados no momento do diálogo.

Com a necessidade de privilegiar as vivências humanas a dialogicidade ganha sentido por meio da leitura dos gêneros disseminados pela literatura oral. A utilização dos contos tradicionais, disponibilizados em “[...] livros marcantes por sua originalidade e riqueza de recursos linguísticos e, sob este aspecto, não deve ser vista como uma literatura secundária” (FONSECA, 2014, p. 9). Os gêneros constituídos pelos contos de fadas, lendas, mitos e outras narrativas resgatadas por meio da oralidade, são apresentados como formas discursivas que revelam a cultura de uma sociedade em permanente processo de constituição. A percepção de gênero que constitui a literatura oral

[...] tem sido mais associada aos textos literários; entretanto, tal conceito expandiu-se e, nos dias atuais, por gênero entendem-se quaisquer usos distintivos e tipificados de discursos falado ou escrito que ocorrem em interações sociais recorrentes. Subjacente a essa reconceitualização de gênero está a concepção de linguagem como atividade interativa e inerentemente social (SILVEIRA, 2005, p. 9).

Ao compreender a literatura oral de uma forma um tanto quanto peculiar se analisada nos parâmetros de uma literatura tradicional, depara-se com um conjunto de registros, textos e

contextos em prosa ou verso, como os contos de fadas, os mitos gregos, histórias orientais, as lendas indígenas e as cantigas africanas. Assim sendo, a arte de narrar oralmente e por meio da escrita se completam, contribuindo para os processos de buscas e de disseminação dos textos narrativos de domínio popular compartilhados ao longo dos séculos.

Antes de chegarem ao Brasil contos como histórias de fadas e fábulas foram sofrendo alterações desde a Grécia Antiga, ganhando um significado próprio das sociedades brasileiras que as receberam, alterando alguns fatos e acrescentando outros. Os contos de fadas e outros clássicos “[...] surgiram para falar aos seres humanos, independente da idade, sejam eles crianças, jovens ou adultos” (SOUSA; CALDIN, 2017, p. 549).

Desta forma, os contos de fadas se configuram como instrumentos poderosos que podem ser utilizados em atividades de Biblioterapia voltadas para os adultos. Conhecer as histórias e todo o emaranhado histórico, político e social que fizeram com que esse conhecimento chegasse até os dias atuais é tarefa do bibliotecário, especialmente se este possui inclinação para explorar o carácter humano e social da profissão e a sensibilidade para trabalhar as histórias de forma terapêutica (SOUSA; CALDIN, 2017, p. 562).

Torna-se importante que o bibliotecário e outros sujeitos que trabalham com a prática biblioterapêutica, possam recuperar e conhecer a origem dos contos tracionais que consagraram autores e importantes narrativas de domínio popular: “A raposa e as uvas” e “A tartaruga e a lebre” de Esopo (Grécia Antiga - 620 a.C. a 564 a. C.); “A cigarra e a formiga” e “A raposa e a cegonha” de La Fontaine (França – século XVII); “O gato de botas” e “Cinderela” de Charles Perrault (França - século XVIII); “A pequena sereia” e “O soldadinho de chumbo” de Wilhelm e Jacob Grimm (Alemanha - século XVIII); “Chapeuzinho Vermelho” e “A bela adormecida” de Hans Christian Andersen (Dinamarca - século XIX); dentre outros como os contos das “Mil e uma noites” mantendo-se como domínio popular (origem oriental - século IX) (GERLIN, 2018).

Dialogar terapêuticamente com a informação contida nos contos de fadas, fábulas e outros gêneros que fazem parte do repertório da literatura oral, remete ao que fora exposto por Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 411) ao relatarem aspectos relacionados com o resultado da utilização da história da Cinderela: “As reações das crianças foram as esperadas: depois de um conto clássico, geralmente elas sentem necessidade de mostrar que já ouviram a história, quem contou para elas, onde ouviram”. Trabalhar com os clássicos conhecidos e comumente utilizados por educadores, psicólogos e bibliotecários, remonta ao contexto das narrativas que são conhecidas e direcionadas não apenas a um público infantil, mas também para qualquer idade para a qual a terapia seja direcionada.

Nesta perspectiva, as leituras dos clássicos para o desenvolvimento pessoal, com a função terapêutica, é um importante instrumento que pode ser utilizado em todas as fases do ser humano (infância, adolescência e fase adulta), na prevenção dos males da alma; passando a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva do leitor, ajudando-o a ser quem se tornou ou será, pois o ato de ler conduz à alteridade, à compaixão e ao enriquecimento cultural, pela compreensão da vida (FONSECA, 2014, p. 10).

Fonseca (2014) referencia as obras clássicas como sendo importantes para a prevenção dos males da alma, para a prevenção e cura de doenças psíquicas, dentre outras ocasionadas pelo adoecimento da mente e do corpo, sendo também apontadas como necessárias para o enriquecimento cultural requerido em instituições de informação e educação. As versões clássicas atualizadas, comumente reconhecidas pelos leitores, remetem às narrativas em que os protagonistas possuem boas práticas e, com isso, acabam indicando geralmente um final feliz.

O uso da informação narrativa não apenas de origem europeia como os contos de fadas tradicionais apontam para a coexistência de outras fontes orais e impressas universalmente como os mitos e as lendas em que os finais tristes evocam reflexões necessárias aos diálogos terapêuticos. Ao citar a constituição da narrativa dos mitos e das lendas destacam-se os enredos das histórias mitológicas e, desse modo, admitem em sua estrutura a qualidade de um verdadeiro

herói que geralmente salva a humanidade. Acrescenta-se ao contexto desse tipo de narrativa aspectos que conferem aos personagens uma identidade e, por conseguinte, uma natureza definida que ao mesmo tempo não deixa de ser complexa. Devido ao exposto, o personagem mortal desse tipo de trama é conduzido a uma jornada que contém muitos desafios e batalhas para se equiparar aos deuses da trama.

Mitos que narram batalhas são os de Jasão, Perseu, Herácles e outros protagonistas da mitologia grega, agregando as características anteriormente citadas: heroísmo e obstinação. Destaca-se nesse tipo de história um personagem feminino muito conhecido, responsável por fornecer auxílio para Teseu no labirinto que encarcerava o Minotauro, criatura metade homem e metade touro [...] (GERLIN, 2018, p. 85).

Enquanto as histórias mitológicas tendem a explicar a origem do universo e estabelecem parâmetros para as ações míticas com personagens geralmente masculinos, o mito do Minotauro conta com a intervenção de Ariadne um personagem feminino que troca o uso da espada pela astúcia, ao propor a utilização de um novelo de fio branco como um importante condutor para encontrar a saída do labirinto. O fio de Ariadne pode ser comparado ao texto literário que, de maneira geral, permite a resolução de problemas em processos biblioterapêuticos.

O entendimento de como é conflituoso o relacionamento entre humanos e deuses é geralmente destacado nesse tipo de mito pode ser benéfico em processos terapêuticos, porém, a intervenção do humano é um elemento central de reconhecimento do leitor na construção da narrativa. Diferente dos mitos referenciados, as lendas costumam trazer elementos da natureza que giram em torno de seres mágicos que mudam tragicamente o rumo das trajetórias dos personagens.

As lendas reproduzem desejos, esperanças e explicação de aspectos humanos e geográficos de uma determinada cultura, transformando fatos reais em ficção fortalecida pelo imaginário popular. Não se pode ignorar que a estrutura central dessas histórias se inserem em um determinado contexto social das regiões em que são comumente trabalhadas, introduzindo importantes elementos culturais dos grupos que delas costumam se apropriar. As lendas constituem um repertório importante utilizado em processos biblioterapêuticos que se apropriam da narrativa oral como uma ferramenta.

Destaca-se, nesse sentido, um repertório composto pelas lendas capixadas originárias do Estado do Espírito Santo (ES): “O pássaro de fogo”<sup>2</sup>, “Pedra do Diabo”<sup>3</sup> e “O Frade e a Freira”<sup>4</sup> explicam por exemplo a constituição de importantes formações rochosas desse Estado: “Mestre Álvaro” no município de Serra; “Mochuara” situada em Cariacica; “Pedra do Diabo” na região de Inhanguetá em Vitória e, por último, “O Frade e a Freira” situada na divisa dos municípios de Itapemirim com Cachoeiro de Itapemirim no distrito de Gruta e Vargem Alta (GERLIN, 2018; NOVAES, 1968).

Da mesma maneira que as lendas indígenas evocam explicações para a conformação de um determinado contexto geográfico, carregam consigo a constituição de aspectos relacionados com a religiosidade e o misticismo, assim como a dinâmica de relacionamentos familiares e amorosos da sociedade contemporânea importantes em um diálogo biblioterapêutico. Na mesma direção, os contos tradicionais que compreendem histórias de fadas, lendas e outros gêneros narrativos, tornam possível que aspectos sócios culturais e psíquicos sejam evocados e que tenham visibilidade no decorrer da prática biblioterapêutica.

Conforme exposto por Castro e Pinheiro (2005, p. 10) por meio da audição de uma narrativa oral o leitor/ouvinte encontra uma diversidade de sentidos: “Nelas os heróis e heroínas

<sup>2</sup> Narra a lenda que um índio e uma índia depois de se apaixonarem e encontrarem-se as escondidas, são transformados em pedras nos referidos cômodos. Para tanto, o cacique, pai da índia, consegue a intervenção de um feiticeiro e de uma fada.

<sup>3</sup> Explica as marcas de dois pés impressos na referida pedra devido a uma luta entre o Diabo e Santo Antônio que teria salvado o filho de um fazendeiro de um sacrifício em prol do bem estar da sua família.

<sup>4</sup> O relacionamento amoroso proibido entre dois religiosos culmina na constituição de uma importante formação rochosa que carrega o mesmo nome.

enfrentam obstáculos e aprendem na adversidade”. Torna-se então importante refletir que em um processo terapêutico os problemas são colocados em questão, por meio de um diálogo que tem como base a informação narrativa contida em um repertório reunido pela literatura oral usado, comumente, em bibliotecas, escolas, centros comunitários e outros espaços.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS? APENAS O INÍCIO DE UM DIÁLOGO**

Dentre os profissionais competentes para trabalhar com a biblioterapia em espaços de informação, educação e cultura destaca-se o bibliotecário que deve considerar as abordagens inter e transdisciplinares nesse campo de atuação ao compartilhar seus saberes e fazeres com usuários, psicólogos, professores, alunos, etc. Em meio a esse processo, poderá auxiliar o sujeito leitor a alcançar uma relação terapêutica dialógica, com o devido auxílio ou autonomamente, na medida em que essa terapia possa ser realizada por meio dos contos de fadas, das lendas e de outras histórias atualmente disponibilizados pelas tecnologias da escrita, informação e comunicação.

Acrescenta-se que a biblioterapia não se trata apenas de uma terapia clínica, mas também de possibilidades de diálogos estabelecidos institucionalmente em outros espaços tempos constituindo-se como uma prática alimentada por processos de uso efetivo de uma informação narrativa que deve ser recuperada e disseminada em espaços presenciais e virtuais. O espaço virtual ainda pouco é estudado como potencializador da informação narrativa e leitura terapêutica, requerendo que essa questão seja futuramente estudada tendo em vista a necessidade de ampliação da reflexão nesse momento iniciada.

Apesar da importância que é dada ao uso dos gêneros literários em processos biblioterapêuticos, a limitação do aprofundamento de publicações sobre esse assunto é identificada, requerendo com isso que a situação exposta seja revertida. Identifica-se também a escarce do registro do uso de músicas, filmes e outros recursos comumente utilizados em processos terapêuticos junto com o livro e outros suportes informacionais. Além do livro, representado como um símbolo para a prática biblioterapêutica, destaca-se o uso de outros formatos textuais, sonoros e imagéticos responsáveis pela mediação das leituras terapêuticas por meio da apropriação da informação contida nos contos, crônicas, romances e outros gêneros que compõem a literatura oral, bem como de outras formas de expressões artísticas e culturais que possibilitam intervenções não apenas em instituições como hospitais e clínicas, mas também bibliotecas, escolas e centros comunitários.

### **REFERÊNCIAS**

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

CASTRO, Rachel Barbosa; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005.

FONSECA, Karla Haydê Santos. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 19, n. 1, p. 6-12, 2014.

LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patricia V. Pinheiro. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, 2006.

GERLIN, Meri Nadia Marques. **Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018.

GRASSELLI, Leticia Aurora de Almeida; GERLIN, Meri Nadia Marques. Aproximações entre a Biblioterapia e o Teatro Clow: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2017.



NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 80-92, jul. 2007.

NOVAES, Maria Stella de. **Lendas capixabas**. São Paulo: FTD, 1968

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual**: concepção sócio-retórica. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOUSA, C.; CALDIN, C. F. Contos de fadas também é coisa de gente grande: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 22, n. 3, p. 548-563, 2017.

VICENTINI, Luis Atílio et al. O papel da biblioteca universitária no incentivo à leitura e promoção da cidadania. **Biblios**, Peru, v. 8, n. 27, p. 1-10, 2007.